



ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: REFLEXÕES E PROXIMIDADES COM A ETNOGRAFIA

Vinicius da Silva Vieira (UECE)¹
viniciusfmjs@gmail.com

Aluiza Alves de Araújo (UECE)²
aluizazinha@hotmail.com

RESUMO: No escopo da Linguística Aplicada, encaixam-se as pesquisas que defendem e investigam a estreita relação entre língua(gem) e sociedade, ou seja, os estudos pertencentes ao campo científico da Sociolinguística Variacionista, que teorizam e comprovam metodologicamente que fatores sociais interferem diretamente nos processos de variação e mudança nas estruturas da língua. Além disso, a importância desse campo da Linguística Aplicada deve-se ao fato de ele fornecer aos sujeitos falantes uma maior capacidade de refletir sobre a língua que usam, dando-se conta dela como um sistema dinâmico, concreto e heterogêneo. Dada essa relevância da Sociolinguística Variacionista, o presente artigo tem por objetivo descrever e refletir sobre o seu modelo teórico-metodológico. Pôde-se concluir que a metodologia na Sociolinguística Variacionista tem, sobretudo, um viés próprio, devido os passos procedimentais serem altamente direcionados. Não obstante esse caráter peculiar, é possível identificar traços metodológicos da etnografia nas pesquisas sociolinguísticas, de forma pontual nas realizadas em comunidades de fala e de forma mais efetiva nas que escolhem fazer investigação em comunidades de prática.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Variação linguística. Mudança linguística. Etnografia.

ABSTRACT: In the scope of Applied Linguistics, the research that defends and investigates the close relationship between language and society, that is, studies belonging to the scientific field of Sociolinguistic Variationist, which theorize and prove methodologically that social factors directly interfere in the processes of variation and change in the structures of the tongue. Moreover, the importance of this field of Applied Linguistics is due to the fact that it provides the talking subjects with a greater ability to reflect on the language they use, realizing it as a dynamic, concrete and heterogeneous system. Given this relevance of The Variationist Sociolinguistics, this article aims to describe and reflect on its theoretical-methodological model. It was concluded that the methodology in Sociolinguistic Variationist has, above all, its own bias, due to the procedural steps being highly directed. Despite this peculiar character, it is possible to identify methodological traits of ethnography in sociolinguistic research, punctually in those performed in speech communities and more effectively in those who choose to do research in communities of practice.

KEYWORDS: Sociolinguistic Variationist. Linguistic variation. Linguistic change. Ethnography.

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (POSLA/UECE).

² Professora Doutora do Curso de Letras e do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (POSLA/UECE).



1 Introdução

É sabido que a Linguística Aplicada (doravante, LA) ocupa-se das investigações das práticas sociais nas quais a linguagem está envolvida. Isso implica a presença de diversos fatores: a mudança do olhar do pesquisador sobre o objeto pesquisado, as novas configurações epistemológicas concernentes aos estudos linguísticos, a transposição de fronteiras disciplinares, o foco em sujeitos antes desprezados pelo fazer científico, entre outros pontos. Toda essa roupagem nova que vestiu a LA, fazendo com que ela abrangesse não só mais questões atinentes ao ensino de línguas estrangeiras e se desvencilhasse da dependência da linguística tradicional como ciência mãe, ficou conhecida como virada crítica, em que a LA passou a rever suas bases epistemológicas (FABRÍCIO, 2008, p. 48-49 *apud* SCHEIFER, 2013, p. 920). Nesse sentido, Scheifer (2013), citando Leffa (2001), pontua que, em LA, a especificidade investigativa centra-se na língua em uso, envolvendo interação, diversidade e múltiplos sujeitos com diferentes contextos.

Sob essa égide, a Sociolinguística Variacionista³ (doravante, SV) enquadra-se perfeitamente no escopo da LA por conceder especial ênfase ao componente social da língua, o que é indicado pelo próprio nome desse campo. Desse modo, assim como a importância de outros campos, como a Análise do Discurso, a Linguística Textual, a Pragmática, o Ensino de Línguas, os Multiletramentos, entre outros, cabe destacar a relevância que a SV apresenta para os estudos da linguagem.

Desse modo, os estudos abarcados pela SV contribuem proficuamente para a descrição do português brasileiro (doravante, PB), uma vez que lida com questões que envolvem os sujeitos falantes e os meios em que se inserem (escola, família, círculos de amizade, redes sociais etc.). Além disso, esses estudos também suscitam discussões em torno de outros fatores, a saber: o preconceito linguístico, a consciência linguística e a

³ Embora haja outros tipos de Sociolinguística (Interacional, Educacional, entre outros), o presente artigo deter-se-á na Variacionista.



influência de fatores sociais no uso da língua como escolaridade, sexo/gênero, situação econômica, grau de formalidade, localidade, grupo ocupacional entre outros. Frente a essas contribuições, o presente artigo tem como objetivo descrever e refletir sobre a teoria e metodologia da SV, buscando evidenciar os principais aspectos que norteiam as pesquisas nesse campo investigativo da língua.

Para organizar retoricamente a reflexão proposta, este artigo está dividido, incluindo esta introdução, em cinco seções: a segunda traz os principais pressupostos teóricos da SV; a terceira apresenta a abordagem metodológica utilizada nas pesquisas variacionistas; a quarta pontua os traços etnográficos presentes na metodologia da SV; e, por último, na quinta seção, são feitas as considerações finais.

2 Pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista

Pensar e refletir a relação entre língua e sociedade, embora tenha sido uma temática por muito tempo deficiente de um sólido aporte teórico-metodológico, foi uma atitude imediatamente posterior aos postulados linguísticos preconizados por Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*, obra a partir da qual ficou considerado como o pai da linguística moderna. E o acadêmico responsável por suscitar a discussão em torno dessa relação foi Meillet, que havia sido discípulo de Saussure. Não obstante esse discipulado, Meillet tomou distância dos postulados saussurianos justamente porque prosseguiu na investigação em torno do caráter social da língua, definida por ele como um fato social (CALVET, 2002). Tal distanciamento evidencia-se quando o linguista, ao fazer uma resenha do *Curso de Linguística Geral*, advoga que Saussure reduziu a língua a uma abstração inexplicável quando dissociou a variação linguística das condições exteriores a que ela se subordina.

Essa discussão em torno da relação língua(gem) e sociedade permeou as concepções de outros teóricos: Bernstein, sociólogo da educação, que foi o primeiro a levar em conta as produções linguísticas reais e o contexto social dos falantes,

defendendo que este influencia diretamente no comportamento linguístico dos sujeitos; Bright, que buscou esclarecer que um dos principais papéis da sociolinguística era mostrar que “a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1966, p. 11 *apud* CALVET, 2002, p. 29). Contudo, Bright pensava a sociolinguística somente como uma abordagem atrelada aos campos da sociologia ou antropologia, o que foi divergente do pensamento de Labov, que, aos poucos, foi abolindo essa dependência, uma vez que, para ele, a linguística em si mesma é eminentemente social, defesa que o leva a dizer: “Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008, p. 13). Ou seja, Labov, recuperando o que outrora postulava Meillet, alegava a impossibilidade de distinção entre uma linguística geral que estudasse a imanência das línguas e uma sociolinguística que se responsabilizava por investigar o âmbito social dessas línguas (CALVET, 2002). Desse modo, foi, sobretudo, com Labov que a sociolinguística ganhou, pelo fato de ele fundar a SV, robustecimento em seu aparato metodológico e também na formulação e descrição mais efetiva de pressupostos teóricos.

Um dos primeiros postulados labovianos — e um pré-requisito para a compreensão dos demais — é o da *heterogeneidade ordenada* (LABOV, 2008). Esse axioma rompe com as considerações, por muito tempo defendidas pelos estruturalistas e gerativistas, de que a língua é um sistema homogêneo, o qual deixa em segundo plano o caráter variável e mutável da língua. Faraco (2006), ao fazer as notas introdutórias de *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*, um dos clássicos de Labov, pontua bem sobre esse rompimento:

Propõem, então, que o axioma da homogeneidade seja abandonado, instaurando-se em seu lugar o axioma da heterogeneidade ordenada. Buscam-se caminhos teóricos para harmonizar os fatos da heterogeneidade (a língua como uma realidade inerentemente variável) com a abordagem estrutural (língua como uma realidade inerentemente ordenada) (FARACO, 2006, p. 13).

Com a instauração dessa heterogeneidade ordenada, o caráter sistemático da língua deixa de ser atribuído somente para o que nela é categórico, aplicando-se também ao que é variável. Ou seja, quebra-se o paradigma de que sistematicidade diz respeito somente ao que é homogêneo, uma vez que construções heterogêneas na língua têm o seu teor de estruturalidade. A título de exemplo, seja observada a construção (1), com oração adjetiva no PB:

(1) O livro de que eu preciso é raro.

Na construção (I), a ordem do sintagma nominal “O livro...” é invariável na língua portuguesa, porque nenhum falante, mesmo crianças e não alfabetizados, diz “Livro o...”, ou seja, tem-se um caso categórico, que é a colocação do determinante em posição sempre anterior ao substantivo. Agora, observem-se as construções (2) e (3).

(2) O livro que eu preciso é raro.

(3) O livro que eu preciso dele é raro.

Pode-se perceber que, em (2) e (3), o conteúdo emitido pela frase é o mesmo que em (1), embora haja diferença em alguns aspectos na composição frasal: em (2), houve o corte da preposição *de* e, em (3), o sujeito relativizado pela partícula *que* é “copiado” pelo pronome *dele*. Tem-se então um caso variável no PB, que é o fenômeno das orações adjetivas quanto às estratégias de relativização, em que (1) é a forma *padrão*, conforme prescrito pela gramática tradicional, e (2) e (3) são as formas não padrão, chamadas de orações relativas *cortadora* e *copiadora*, respectivamente. Isto é, tem-se uma *variável* (o fenômeno gramatical passível de *variação*) que pode ocorrer com três *variantes*, que são diferentes “maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1997, p. 8).

A partir do que foi exemplificado, a SV, ciente das regras categóricas no sistema linguístico, tem seu enfoque nas regras variáveis, que podem ser sistematizadas e explicadas com base na investigação dos condicionadores linguísticos e

extralinguísticos (ou sociais) que balizam o uso de uma e/ou outra variante. Aqui reside outro pressuposto importante desse campo de estudo: as formas linguísticas não veiculam somente significados referenciais, mas também significados sociais (COELHO *et al.*, 2015). Daí o fato de as pressões que regulam o uso de uma ou outra forma não advirem somente da imanência linguística, mas de fatores do contexto social, como faixa etária, sexo/gênero, escolaridade, localidade, grupo ocupacional, entre outros. É por isso que uma variante falada por um sujeito pode ser de prestígio ou estigmatizada, conservadora ou inovadora. Também é imprescindível saber que o *lócus* dos estudos sociolinguísticos não é o indivíduo, mas a comunidade de fala da qual ele faz parte, já que a língua é inerentemente social; assim, com as pesquisas variacionistas, o foco investigativo passa do *idioleto* (língua utilizada por um indivíduo separadamente) para os *dialetos* ou *variedades*, ou seja, estuda-se a fala e os comportamentos linguísticos de grupos específicos da sociedade, como a comunidade dos mais jovens, dos idosos, dos mais escolarizados, dos pescadores, dos habitantes da zona urbana de uma região etc.

Desse modo, de acordo com Coelho *et al.* (2015), os postulados labovianos indicam que a variação pode ocorrer nos níveis linguísticos lexical, fonológico, morfológico, morfonológico, sintático, morfossintático e discursivo; quanto aos contextos extralinguísticos, os tipos de variação são geográfico ou diatópico (quando concerne a contextos regionais), social ou diastrático (quando diz respeito a nível socioeconômico, escolaridade, sexo/gênero), estilístico ou diafásico (referente aos variados papéis sociais assumidos pelos falantes nas distintas situações comunicativas) e diamésico (atinente à variação entre fala e escrita).

Associada à variação linguística, William Labov também concebeu princípios acerca da mudança linguística, que ocorre totalmente quando a variante conservadora assume o estatuto de arcaica e deixa de ser usada, passando a haver a ocorrência apenas da variante inovadora (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Labov (2008) afirma que uma mudança tem o seguinte percurso: origina-se com a variação linguística, propaga-se e torna-se regular.



É importante elucidar que os estudos sociolinguísticos podem ser divididos em três ondas, divisão essa proposta por Eckert (2012 *apud* Veloso, 2014). Os estudos de primeira onda, partindo da premissa de que variedades linguísticas revelam traços sociais de seus falantes, fornecem retratos sociolinguísticos dos mais diversos fenômenos variáveis em grandes comunidades de fala (VELOSO, 2014; FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012); estas são definidas como um conjunto de falantes que compartilham os mesmos comportamentos linguísticos (que os diferenciem de outros grupos), têm alta frequência de comunicação e possuem as mesmas normas e atitudes em relação à linguagem que utilizam (GUY, 2001 *apud* COELHO *et al.*, 2015, p. 68). Já os estudos de segunda onda buscam aprofundar as categorias sociais envolvidas na variação em processos mais locais, para estabelecer elos com os maiores, lançando mão de métodos quantitativos associados aos etnográficos; para isso, o *locus* escolhido pode ser comunidades de fala menores ou redes sociais. Por fim, os estudos de terceira onda atuam em comunidades de prática, onde os falantes compartilham perspectivas comuns em torno de suas práticas a fim de aprimorá-las e replicá-las (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012); aqui, o enfoque é na variação não como um reflexo de fatores sociais dos sujeitos falantes, como ocorre nas comunidades de fala, mas na variação enquanto mecanismo para construir significados sociais em torno das práticas humanas.

Todas as considerações anteriores são pertencentes à Teoria da Variação e Mudança Linguística, e como teorias podem ser definidas como conjuntos de pressupostos e hipóteses passíveis de investigação, o processo investigativo no fazer científico se torna concreto por meio de um percurso metodológico. É o que trata a próxima seção em relação à SV.

3 Abordagem metodológica na Sociolinguística Variacionista

A metodologia na pesquisa sociolinguística tem um caráter que pode ser enquadrado como próprio, uma vez que, não se seguindo o percurso formulado por Labov e outros sociolinguistas, a descrição dos fenômenos variáveis torna-se falha. Embora venham crescendo os estudos que escolham como *loci* as redes sociais e as



comunidades de prática, o grande painel de retratos sociolinguísticos de diversas línguas é formado pelas comunidades de fala. Para desenvolver a pesquisa em torno de algum fenômeno variável, o primeiro passo é escolher uma dessas comunidades, para então partir para a coleta dos dados. Se o pesquisador decide ele mesmo colher esses dados para constituir a amostra com que vai trabalhar, precisa definir critérios para montar seu banco de dados, uma vez que uma comunidade de fala é definida por parâmetros rígidos, conforme mencionado na seção anterior. Averiguar se os informantes nasceram na comunidade, se saíram ou não dela e por quanto tempo e se compartilham as mesmas regras e comportamentos em relação à língua são alguns exemplos de critérios a serem estabelecidos pelos organizadores do *corpus*. Esses informantes devem ser estratificados por sexo, escolaridade, idade, tipo de registro, entre outros fatores extralinguísticos que condicionam o vernáculo (a fala), conforme a decisão dos pesquisadores. Definidos a comunidade de fala e os critérios para formação do banco de dados, o pesquisador precisa ir em busca dos seus pesquisados, os informantes, verificando se se encaixam nos critérios da pesquisa por meio do preenchimento de uma ficha de identificação social; havendo o enquadramento, o próximo passo é registrar falas espontâneas dos informantes por meio de gravações. Esses registros a serem gravados podem ser entrevistas entre documentador e informante, uma conversação espontânea entre duas pessoas que tenham parentesco ou afinidade ou uma elocução formal (palestra, aula, pregação, homilia, culto etc.).

Após gravar todos os registros dos seus informantes, o pesquisador/organizador parte para a triagem das gravações, melhora-as tirando os ruídos e interveniências que venham a atrapalhar a escuta e descarta as que não têm utilidade; em seguida, parte para o processo de transcrições sociolinguísticas dessas gravações, o que também possui regras. Por fim, o organizador/coordenador do *corpus* revisa todas essas transcrições e organiza o seu banco de dados – com fichas dos informantes, gravações e transcrições – em ferramentas eletrônicas, disponibilizando-o para que pesquisadores da área possam realizar suas pesquisas em torno dos fenômenos variáveis documentados. Há que se considerar que o percurso até aqui descrito é direcionado apenas aos pesquisadores que desejam montar o próprio banco de dados do qual querem retirar suas amostras para



análise. Nesse sentido, é preciso atentar para o que aconselha Monteiro (2000) sobre as gravações das entrevistas sociolinguísticas:

As entrevistas somente sejam gravadas depois de um meticuloso trabalho de preparação. Não é tarefa fácil registrar a fala espontânea, principalmente quando o pesquisador é visto como um estranho ao grupo social. Por isso, uma boa solução é a de utilizar um *corpus* já estabelecido e não suficientemente estudado. No Brasil há vários à disposição, o que poupa muito trabalho e dinheiro. (MONTEIRO, 2000, p. 84).

Na citação anterior, Monteiro (2000), alertando para as dificuldades encontradas para se constituir um novo banco de dados, aconselha que os pesquisadores utilizem os que já existem montados e instaurados. Como ele afirma, realmente há muitos à disposição no Brasil inteiro, e também em vários outros países do mundo, uma vez que constituem fontes valiosas para que se descrevam os fenômenos variáveis nas línguas a partir de fatores sociodemográficos de amplas comunidades de fala (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012).

No Brasil, o primeiro banco de dados criado foi o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro, depois do qual outros foram surgindo, a saber: o Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL), construído por pesquisadores das universidades federais de Santa Catarina, do Paraná e do Rio Grande do Sul e pela PUC do Rio Grande do Sul; o Projeto Norma Urbana Culta, com dados das capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador; o Projeto Variação Linguística na Paraíba (VALPB), pertencente à Universidade Federal da Paraíba; o Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), desenvolvido com o apoio da Universidade Estadual do Ceará (UECE); o *corpus* Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), também formulado com o apoio da UECE; entre muitos outros.

A fim de conhecer como geralmente ocorre a estratificação em um banco de dados depois de constituído, observe-se a figura 1, que projeta a distribuição dos informantes que compõem o banco de dados Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR).

Figura 1 – Estratificação do *corpus* Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR)

Reg.	Gênero																	
	Masculino									Feminino								
	DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Esc. F. Et.	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
I	5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
II	4	5	5	4	4	4	4	3	4	5	5	5	4	5	5	0	5	4
III	5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1

Fonte: (2011).

Na figura 1, expõe-se, a título de ilustração, o quadro de distribuição dos informantes do banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Esse *corpus* compõe-se de 198 informantes, os quais foram enquadrados nos seguintes critérios a fim de neutralizar as interferências das variedades de outras regiões: são todos nascidos em Fortaleza ou vieram morar nessa cidade com 5 anos de idade, no máximo; são filhos de pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por mais de dois anos consecutivos; possuem moradia fixa em Fortaleza. Conforme é possível observar nesse quadro, os informantes estão estratificados por gênero (masculino e feminino), faixa etária (grupos I, II e III)⁴, escolaridade (grupos A, B e C)⁵ e tipo de registro (DID, D2 e EF)⁶. Ressalta-se que esse banco de dados foi elaborado tomando como base os preceitos da SV, a fim de possibilitar uma amostra significativa da variedade popular⁷ de Fortaleza e, assim, permitir estudos sobre fenômenos variáveis nessa comunidade de fala.

Escolhida uma comunidade de fala e seu respectivo banco de dados, seja este já disponível ou montado pelo pesquisador, o investigador sociolinguista deve traçar os seguintes passos até terminar seu caminho metodológico: escolher um fenômeno variável (o que também se conhece por variável dependente, ou seja, o fenômeno na

⁴ A faixa etária I corresponde aos informantes com 15 a 25 anos; a II, aos informantes com 26 a 49 anos; e a III, aos informantes a partir de 50 anos.

⁵ Os grupos A, B e C compreendem informantes com, respectivamente, 0 a 4, 5 a 8 e 9 a 11 anos de escolaridade.

⁶ DID – Diálogo entre Informante e Documentador; D2 – Diálogo entre 2 Informantes; EF – Elocução Formal.

⁷ A expressão *variedade popular* está relacionada aos falares de pessoas com baixa escolaridade (nível básico), que estão na base da pirâmide social e apresentam alto grau de inserção e participação na sociedade.



gramática passível de variação) para ser seu objeto de estudo; fazer uma revisão de literatura aprofundada sobre os estudos que já foram feitos acerca do fenômeno; definir o envelope de variação, isto é, descrever detalhadamente a variável dependente com suas variantes (as formas concorrentes, em variação) e decidir quais condicionadores (ou variáveis independentes) linguísticos e extralinguísticos serão controlados em relação ao fenômeno a ser estudado; formular objetivos, questões e hipóteses de pesquisa com base na revisão de literatura e no envelope de variação; coletar as ocorrências do fenômeno estudado no banco de dados; codificar alfanumericamente tais ocorrências, para que sejam submetidas a um programa quantitativo (pacote Varbrul/GoldVarb)⁸ e gerados os resultados. Por último, cabe ao pesquisador descrever os resultados gerados pelo programa e analisá-los, a fim de atingir os objetivos inicialmente definidos, responder às questões levantadas e confirmar/refutar as hipóteses formuladas.

À guisa de exemplificação para o seguimento desse percurso metodológico, podem-se tomar a variável dependente orações relativas no banco de dados NORPOFOR, fenômeno variável e *corpus* já mencionados neste estudo. Então, o caminho procedimental para esse exemplo seria: escolher a variável dependente *estratégias de relativização*, cujas variantes são as relativas *padrão*, *copiadora* e *cortadora*; visitar os estudos variacionistas no PB que retrataram as orações relativas como o de Mollica (1977), Tarallo (1983), Pinheiro (1998), Burgos (2003) entre outros; definir os grupos de fatores linguísticos *função sintática do termo antecedente* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal etc.), *presença ou não de elementos intervenientes entre a oração principal e a adjetiva*, traços *±humano* e *±específico do termo antecedente*, *posição da oração adjetiva em relação à principal* (à direita ou encaixada), *tipo de oração adjetiva quanto à semântica* (explicativa ou restritiva), entre outros; decidir também os grupos de fatores extralinguísticos *escolaridade* (A, B e C), *sexo/gênero* (masculino e feminino), *faixa etária* (I, II e III) e *tipo de registro* (DID, D2 e EF). A partir da definição e descrição desse envelope de

⁸ Programa computacional que calcula frequências absolutas e pesos relativos para os condicionadores linguísticos e sociais dos fenômenos variáveis.



variação, o pesquisador prosseguiria com os demais passos: delineamento de objetivos, questões e hipóteses; coleta de todas as ocorrências de orações relativas no banco de dados para codificá-las e submetê-las ao programa estatístico; por fim, faria a análise e a discussão dos dados fornecidos pelo programa com base nos condicionadores linguísticos e extralinguísticos indicadas como relevantes, a fim de atender aos objetivos, responder às questões e confirmar ou refutar as hipóteses da pesquisa.

Apresentadas a descrição e a exemplificação sobre os processos da metodologia em pesquisas sociolinguísticas, buscar-se-á, na próxima seção, de maneira breve, identificar traços da abordagem etnográfica no processo metodológico da SV, refletindo sobre o contato metodológico entre tais abordagens.

4 Traços etnográficos presentes na metodologia da Sociolinguística Variacionista

É preciso ponderar alguns aspectos concernentes à ação do pesquisador durante as entrevistas sociolinguísticas com seus informantes. Os entrevistadores, segundo Labov (2008), precisam superar o que ele denominou de *paradoxo do observador*, ou seja, fazer com que os informantes não se sintam monitorados, mesmo que estejam sendo gravados; para isso, o entrevistador deve deixar o informante à vontade, motivando-o a narrar fatos pessoais, o que faz com que, em certo momento, por envolver-se emocionalmente com seus relatos de vida, ele fale mais espontaneamente, já não mais percebendo ou lembrando de que está sendo gravado.

Em outras palavras, visando neutralizar os efeitos negativos da presença do gravador e às vezes até da sua própria presença, não raramente estranhada pelo informante, o pesquisador “se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades” (TARALLO, 1997, p. 21), emitindo questionamentos que motivem os informantes a narrarem suas experiências pessoais. Embora a totalidade de sua pesquisa seja direcionada, nessa parte, o pesquisador sociolinguista apresenta uma postura etnográfica, ainda que em pequeno grau, uma vez que faz parte da abordagem etnográfica o investigador “tornar sensíveis atividades e interações que costumam ser invisíveis e silenciosas” (CEFAÏ,

2010, p. 72). Ainda segundo Tarallo (1997), estudos acerca dessas narrativas “têm demonstrado que, ao relató-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com *o que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*” (TARALLO, 1997, p. 22), sendo justamente isso o que pretende o pesquisador sociolinguista. Portanto, pode-se afirmar que esse procedimento dos relatos pessoais indicado por Labov, além de fazer com que o pesquisador consiga seu objetivo primeiro — coletar grande volume de falas espontâneas dos informantes —, permite que ele tenha uma atitude etnográfica pontual, conhecendo um pouco das experiências dos seus pesquisados, agregando-as às suas; isso também propicia-lhe perceber, a partir dos relatos de cada informante, similaridades e distinções no todo que é a comunidade de fala, uma vez que é nesta onde deve residir o enfoque dos estudos variacionistas. Entenda-se atitude etnográfica pontual aqui no sentido de ela não ser abrangente como em pesquisas que utilizam a observação participante de fato; até porque a metodologia na SV, conforme já foi elucidado, chega a ser considerada como própria, devido ao seu percurso procedimental altamente direcionado.

Contudo, se os *loci* das pesquisas sociolinguísticas passam das comunidades de fala, a partir das quais se constituem os grandes bancos de dados, para as comunidades de prática, a abordagem etnográfica deixa de ser pontual e passa a ser mais efetiva, não obstante associada ao método próprio da pesquisa sociolinguística. Isso pode ser constatado no quadro comparativo da figura 2:

Figura 2 – Quadro comparativo entre as abordagens sociolinguísticas de comunidades de fala e de comunidades de prática

Abordagem de comunidade de fala	Abordagem de comunidade de práticas
- estratificação baseada em fatores sociodemográficos amplos	- estratificação baseada em valores localmente estabelecidos
- distribuição homogênea, tanto quanto ao tamanho quanto às categorias controladas	- distribuição variável, definida caso a caso
- categorias definidas a priori	- categorias definidas a posteriori
- permissão para captar tendências amplas da comunidade	- permissão para captar valores sociais localmente estabelecidos nas relações
- coleta padronizada (entrevista sociolinguística)	- coleta etnográfica (observação participante, interações entre grupos)
- constituição da amostra em curto prazo	- constituição da amostra em longo prazo

Fonte: Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 931).

Como é possível visualizar no quadro da figura 2, nas comunidades de prática, há um viés metodológico etnográfico bem delineado, uma vez que a distribuição da amostra não precisa ser homogênea, as categorias podem ser definidas *a posteriori*, as coletas lançam mão da observação participante e das interações grupais e o prazo para composição da amostra é mais estendido. Tais características aproximam-se, de fato, de uma abordagem etnográfica presente na sociolinguística.

Tendo-se refletido um pouco sobre os traços etnográficos presentes na metodologia da SV, trazem-se as considerações finais na próxima e última seção.

Considerações finais

O presente artigo trouxe reflexões pertinentes acerca do modelo teórico-metodológico da SV. Discorreu-se sobre os principais pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística instituída por William Labov, que balizam os estudos sociolinguísticos até hoje, já não sendo mais concebível dizer que fatores sociais não interferem diretamente na língua dos sujeitos; nessa parte, exemplificou-se a variação com o fenômeno das orações relativas no PB. Em seguida, descreveu-se o percurso metodológico da pesquisa sociolinguística, sendo depois exemplificado também com o caso das orações relativas como fenômeno variável escolhido.

Por último, foi traçada uma reflexão em busca de identificar traços etnográficos presentes na abordagem das pesquisas variacionistas. A partir do discutido, pode-se afirmar que, prototipicamente, a metodologia em SV deve ser considerada como própria, uma vez que lança mão de critérios rígidos, procedimentos bastante estabelecidos e análises quantitativas a fim de que as pesquisas elucidem retratos sociolinguísticos fidedignos dos fenômenos variáveis nas comunidades de fala pesquisadas, para que se tenha uma real descrição do PB.

Não obstante esse caráter próprio, foi possível constatar alguns aspectos procedimentais advindos da etnografia presentes na abordagem metodológica da SV, tanto de forma pontual como de maneira mais efetiva, embora isso não se equipare a



outros tipos de pesquisas que, de fato, utilizam metodologias participantes. Nas pesquisas em comunidades de fala, pode-se perceber que, embora as coletas de dados sejam mais padronizadas e direcionadas, há uma postura etnográfica bem pontual pelo fato de o pesquisador sociolinguista lançar mão das narrativas pessoais nas entrevistas sociolinguísticas, conhecendo, em certo grau, as experiências subjetivas dos informantes e, portanto, conhecendo mais ainda especificidades da comunidade pesquisada. Já nos estudos que lidam com comunidades de prática, pode-se depreender que a postura etnográfica inclusa no método sociolinguístico mostra-se mais efetiva, uma vez que adota determinadas abordagens diferentes das que são empregadas nas pesquisas com comunidades de fala, como a definição de categorias a partir do contato com os sujeitos informantes, a promoção de interações em grupos, a constituição do *corpus* sociolinguístico em um período maior de tempo entre outros. Todos esses aspectos procedimentais estão mais próximos de uma abordagem sociolinguística etnográfica.

Destarte, não há como não concluir que vasta é a contribuição da Sociolinguística Variacionista, uma vez que, além de apresentar um consistente modelo teórico-metodológico capaz de garantir a confiabilidade de suas pesquisas, está aberta a dialogar com outras abordagens metodológicas, como a etnografia. Cabe, ainda, fazer outros estudos mais aprofundados em torno dessa ampla contribuição, para que haja continuidade na investigação de interfaces metodológicas.

Referências

BURGOS, L. E. S. **Estratégias de uso das relativas em uma comunidade de fala afro-brasileira**. 2003. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2003.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002. 176 p.

CEFAÏ, D. Provações corporais: uma etnografia fenomenológica entre moradores de rua de Paris. **Lua Nova**, São Paulo, n. 79, p. 71-110, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a05n79.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2019.



- COELHO, I. L. *et al.* **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer linguística).
- FARACO, C. A. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 9-29.
- FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a09v56n3.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2019.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOLLICA, M. C. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. 1977. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PINHEIRO, C. L. **A relativização no português oral culto de Fortaleza**. 1998. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 1998.
- SCHEIFER, C. L. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada: um processo de desreterritorialização, um movimento do terceiro espaço. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 919-939, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/2013nahead/aop2013.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2019.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. 1983. 273f. Ph.D. dissertation (degree of Doctor in Linguist) - University of Pennsylvania, Pennsylvania.
- VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 17., 2014, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: ALFAL, 2014. Disponível em:
< <http://mundoalfal.org/CDAnaisXVII/busca.htm?query=sociolingu%EDstica>>. Acesso em: 17 maio 2019.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido Para Publicação em 22 de dezembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 10 de fevereiro de 2020.